A PRÁTICA DOS VALORES MORAIS E ÉTICOS COMO INSTRUMENTOS PARA A CONVIVÊNCIA SOCIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

PRACTICES OF ETHICAL AND MORAL VALUES AS INSTRUMENTS FOR SOCIAL COEXISTENCE IN THE UPBRINGING

Adelci Hilda Mendes Marques [1]
UNIFEOB/PMA

Resumo: Esta pesquisa levantou a importância do trabalho com os valores éticos e morais, ligados ao meio social, nas atividades escolares de Educação Infantil. Acredita-se que a Instituição Escola, na figura de seus Educadores, é peça de suma importância no processo ensino-aprendizagem, bem como na formação pessoal e social do ser humano. As crianças possuem natureza singular, que as caracterizam como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio; sendo assim, precisam ser respeitadas e aceitas como tal. Assumidas como seres humanos, são sujeitos sociais e históricos que fazem parte de uma organização familiar inserida na sociedade, numa determinada cultura, em um momento histórico. Este trabalho foi realizado através da implementação do Projeto "*Os valores e a história de minha vida"*, em uma EMEIEF, do município de Araras/SP, com crianças de 05 e 06 anos, no ano letivo de 2008.
Palavras-chave: *Educação Infantil. Valores. Moral. Ética.*

Abstract: This research shows the relevance of the work with ethical and moral values, related to social areas, in scholar activity of Upbringing. It is believed that the School Institute has essential

[1] Mestre em Educação: Professora de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Araras/SP; Professora das Licenciaturas e da Pós-graduação junto à UNIFEOB em São João da Boa Vista/SP – Endereço: Rua Emílio Ferreira, n. 162-Centro, Araras/SP-CEP 13.600.092; fone: 019-8132.5222; E-mail: gumadu@terra.com.br

importance in the teaching-learning process, as in the personal and social human's formation. Kids have singular nature characterizing people who feel and think the world in a different way, needing to be respect for it. Assumed as humans, they are social and historical subjects that are part of a family organization, which is embedded in society, with a certain culture, in a historic moment. This research was done through implementation of the Project "The values and history of my life", in EMEIF, from the city Araras/SP, with children, 05 and 06 years old, in the year of 2008.
Keywords: *Upbringing. Values. Moral. Ethic.*

Introdução

A prática dos valores morais e éticos tem sido esquecida na convivência social. Com os grandes avanços tecnológicos, sociais e culturais, a instituição família sofreu modificações severas, onde os grandes núcleos familiares de convivência, como primeiro grupo social da criança, deixaram de existir. Muitas vezes, estas convivências passaram a ocorrer somente em reuniões festivas ou outros eventos esporádicos. Deve-se lembrar aqui, que em cada tempo e em cada espaço, os valores são constituídos a partir das necessidades aparentes da sociedade. Sendo assim, pode-se dizer que os valores possuem validade ou vigência conforme acontecem as transformações sociais. O homem, segundo Freire (1981), é 'um ser de relações' que em sua convivência, doa significados, atribui valores, bem como realiza valorações. Entende-se, portanto, que além de transmitir os valores historicamente construídos, tem a capacidade de transformar e criar novos valores necessários às novas convivências sociais, modificadas pela evolução do mundo ao seu redor.

Os pais, por necessidades diversas, deixam suas casas durante todo o dia, a fim de proporcionar uma melhor estabilidade social para seus filhos. E assim, em sua grande maioria, as crianças passam a conviver a maior parte de seu tempo com a televisão, a *internet*, o vídeo game, os coleguinhas da rua; enfim, tantas amizades e convivências com regras, normas e limites criadas pelos

seus interesses únicos. Em seu retorno, pais e responsáveis, pela justificativa de fazer o melhor na criação de seus filhos, acabam deixando que as crianças procedam a sua maneira, sem colocar limites, respeito e comprometimento nas relações familiares, tentando assim, compensar sua ausência.

Esta questão tem afetado diretamente várias esferas sociais, em especial a instituição Escola, que é uma das responsáveis, como consta nos documentos oficiais (CF/88, ECA/95, LDBEN/96), pela *formação* e *informação* das crianças.

As crianças, ao iniciarem a sua estada na Educação Infantil, se deparam com problemas bastante conflitantes: em casa não possuíam regras, na escola passam a ser "comandadas" o tempo todo. Nas Instituições Escolares existem tempos e espaços para a realização de todas as ações, dirigidas ou não. Suas ações passam a ser carregadas de responsabilidade e comprometimento, visto que toda ação pode e vai provocar uma reação, que deve ser resolvida pela criança. De início, sempre com a ajuda do parceiro mais experiente (o professor), porém logo, as ações serão de responsabilidade de cada um.

Nesse ínterim, podemos citar as teorias piagetianas sobre o desenvolvimento da autonomia moral na criança. Segundo Piaget (1932), todo ser humano nasce heterônomo, ou seja, necessita de alguém para comandar e controlar suas ações, porém, no decorrer de seu crescimento e formação, deve se tornar um ser autônomo, onde suas ações passam a ser controladas, por si próprio.

> Pesquisando crianças de cinco a doze anos, PIAGET descobriu que a gênese do juízo moral infantil passa por duas grandes fases. Na primeira, o universo da moralidade confunde-se com o universo físico: as normas morais são entendidas como leis heterônimas, provenientes da ordem das coisas, e por isso intocáveis, não-modificáveis, sagradas. A essa concepção das normas corresponde um nível rudimentar de compreensão destas: os imperativos são interpretados ao pé da letra, e não no seu espírito. Assim, por exemplo, será considerado mais culpado aquele que tenha, por engano, distorcido a realidade afirmando algo inve-

> rossímil, do que alguém que, conscientemente mentindo, tenha afirmado algo verossímil. Na fase posterior, as normas passam a ser entendidas como normas sociais cujo objetivo é regular as relações entre os homens. Assim, em torno de dez, onze anos, a criança passa a conceber a si mesma como possível agente no universo moral, capaz de, mediante relações de reciprocidade com outrem, estabelecer e defender novas regras. Vale dizer que à obediência passiva a imperativos inquestionáveis sucede a obediência ativa decorrente do respeito mútuo. Na conceituação piagetiana, a criança passa da heteronomia — onde o bem é entendido como obediência a um dever pré-estabelecido à autonomia moral — onde o bem é agora concebido como equidade e acordo racional mútuo das consciências. Durante a gênese do desenvolvimento pessoal, a passagem da heteronomia para a autonomia moral acontece em paralelo à passagem do estágio pré-operatório para o operatório. Tal paralelo explica-se pelo fato de a autonomia moral pressupor uma razão também autônoma, capaz de chegar por si mesma a verdades através de implicações; ora, tal capacidade depende da reversibilidade das operações mentais, reversibilidade esta característica do estágio operatório. No campo do saber objetivo, a criança troca a crença pela demonstração; no campo moral, ela passa do dogma e do tabu para a justificação (*apud* TAILLE, 1994, p. 54).

Para que isso possa ocorrer, faz-se necessário que toda criança conheça seus limites, com seus direitos, porém colocando seus deveres à frente disso. Desde pequena deve conhecer suas necessidades morais e éticas para uma convivência social harmoniosa. Estas ações vão se desenvolvendo lentamente, através de atitudes saudáveis do cotidiano escolar.

Ora, como vimos anteriormente, a instituição Família tem tido dificuldades em solucionar este problema e propor soluções. Sendo assim, como também responsáveis pela formação pessoal e social dos educandos, faz-se necessário que a instituição Escola aponte e proporcione alguns subsídios, visando à melhoria da sociedade em geral.

Segundo os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), as crianças possuem natureza singular que as caracterizam como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito próprio, sendo assim, precisam ser respeitadas e aceitas como tal.

Quando as crianças se assumem como seres humanos, se tornam sujeitos sociais e históricos, os quais fazem parte de uma organização familiar que está inserida na sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. Todas as crianças são profundamente marcadas pelo meio social em que se desenvolvem, o qual também as marca de forma culturalmente ativa.

Diante disso, pode-se dizer que, para que ocorra o desenvolvimento da ética e da moral no ser humano, é preciso uma prática constante e contínua, com exemplos, limites, normas, responsabilidades e comprometimentos.

Neste contexto, esta pesquisa teve como objetivo primeiro levar aos formadores (pais e professores) a importância do reconhecimento da criança como ser social que age, pensa, fala, e é parte integrante da sociedade, colocando as normas e os limites como pontos de partida para a convivência social, através das atitudes de moral e ética preestabelecidas pelo meio em que se vive.

Para isso, durante o desenrolar do trabalho procurou-se explicitar o reconhecimento da importância da identidade pessoal de alunos, suas famílias, professores e demais profissionais ligados à sua formação, bem como a identidade da Unidade Educacional, nos vários contextos em que se situa, procurando diminuir a distância escola/família, na relação ensino/aprendizagem, procurando promover práticas de educação e cuidados que possibilitassem a integração entre os aspectos emocionais, afetivos e sociais da criança, entendendo que ela é um ser completo, total e indivisível. Com isso, objetivou-se levar as crianças a se reconhecerem como seres íntegros, que aprendem a ser e conviver consigo próprios, com os demais e o ambiente de maneira articulada e gradual.

A pesquisa se deu através da observação e análise de um Projeto intitulado “Os valores e a história da minha vida”, em uma EMEIEF do município de Araras/SP, com as salas de Jardim II (05

anos) e primeiro ano (06 anos). A duração do mesmo foi de um ano. Muitas questões foram direcionadas às crianças e aos seus familiares, visando à análise e ao resultado do projeto.

As atividades desenvolvidas em sala de aula procuravam abordar os vários âmbitos a serem trabalhados (Conhecimento de mundo e Formação Pessoal — identidade e autonomia), porém sempre voltados aos valores éticos e morais.

Além das atividades realizadas na sala de aula, todas as sextas-feiras, as crianças levavam para casa um questionário a ser executado com a ajuda da família, em que se abordava o seu desenvolvimento biológico, cultural e social. Sendo assim, procurou-se integrar os ensinamentos escolares às vivências familiares.

Com isso foram trabalhados os temas "Família e suas inter-relações" e os "valores éticos e morais" da convivência social (paz; respeito; amor; responsabilidade; felicidade; cooperação; honestidade; humildade; tolerância; simplicidade; união).

Nesta direção, foram levantados os valores éticos universalmente aceitos pela sociedade, estabelecidos na seguinte ordem, baseado na teoria de Scheler (1955, p. 18):

- Valores úteis – adequados, inadequados, convenientes, inconvenientes, entre outros;
- Valores vitais – forte e fraco, decadente, criativo, entre outros;
- Valores lógicos – verdade, falsidade, demonstração, entre outros;
- Valores estéticos – belo, sublime, gracioso, feio, entre outros;
- Valores éticos – justo, injusto, misericordioso, entre outros;
- Valores religiosos – sagrado, profano, entre outros.

Durante a aplicação de atividades organizadas em função destes valores, os dados foram coletados pelos próprios docentes e analisados à luz de referenciais teóricos. Vale ressaltar que a análise dos dados foi realizada pelo colegiado, e não unicamente pelo professor responsável pela classe.

A ética e a moral trabalhadas em sala de aula, no processo de socialização

As crianças têm na família, biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelecem com outras instituições sociais.

Sendo assim, nada melhor que a união escola/família, atuando na formação social e pessoal das crianças. As questões da moral e da ética são temas discutidos ao longo dos tempos, porém em espaços e períodos diferentes. Sendo assim, cada sociedade possui a sua visão e elabora suas regras e normas conforme suas necessidades. E essas regras e normas regionais é que têm que ser transmitidas às crianças, principalmente através da aprendizagem por modelação que, segundo Bandura (1960), é o maior meio de se transmitir conceitos, ou seja, aprendemos muito através dos modelos presentes durante toda nossa vida.

Não se pode esquecer que a moral e a ética perpassam por dimensões intelectuais e afetivas. Nós, seres humanos, aprendemos aquilo que nos proporciona interesse, aquilo que nos dá prazer, pois toda cognição passa por uma emoção e vice-versa.

Diante disso, no desenrolar do projeto, as crianças realizavam atividades diversas utilizando-se de conversas, histórias finalizadas com atitudes morais e éticas, músicas relacionadas aos temas discutidos, jogos cantados, brincadeiras diversas, entre outras ações. Porém, o que se entendia como de primordial importância era que a criança se reconhecesse como ser social. Para tanto foi realizada uma atividade durante o ano todo, sendo concomitante com as outras, sobre "quem sou eu".

Nesta atividade podem ser observadas várias frustrações e anseios das crianças, em relação à sua aceitação como pessoa física e social. Aqui, notou-se a importância de o professor valorizar a criança como centro gravitacional do processo educativo, levando em conta seus interesses, necessidades, sensibilidade e espontaneidade. Nesta fase existe na criança grande vitalidade e plasticidade, necessidade de experimentações diversificadas, de

harmonização de recursos, interesses e habilidades. Sendo assim, a aprendizagem se dá de forma mais intensa e prazerosa.

Se nos reportamos aos adultos, poderemos analisar o quanto as pessoas não se aceitam enquanto seres sociais. Com isso, os professores e os pais também acabaram fazendo uma análise de suas vidas e da aceitação que possuem da mesma. Nas atividades realizadas com as crianças, os parceiros mais experientes (pais e professores) começaram a se analisar e a se questionar, pois eles fizeram parte do processo ensino-aprendizagem e, para que as crianças realizassem as tarefas, tinham que participar a fim de se tornarem modelo.

Essas ações trouxeram muitos questionamentos, tanto dos pais quanto dos professores, e então foi sugerido, após várias discussões que os mesmos assistissem a um filme de grande sucesso denominado "*Um cara quase perfeito*", com Ben Affleck e Rebecca Romijn. Este filme está empolgando e fazendo com que várias pessoas reflitam sobre a importância de se descobrirem. Ben Affleck faz o papel de Jack Giamoro, com uma carreira de sucesso, dinheiro e uma linda esposa. Por mais que se ache o "melhor", se sente meio vazio, e então começa um curso de autoconhecimento. O palestrante do tal curso, vivido pelo ator John Cleese, inicia a aula com a pergunta: "Quem sou eu?" e depois, para a classe, lança a indagação: "Quem são vocês?" O filme todo gira em torno da pedagogia que o palestrante usa para fazer cada qual se redescobrir. Primeiro, eles têm que fazer um diário, no qual falam de si. Mas na primeira semana, o professor diz que nem vai ler essas primeiras páginas. Quer mais... exigindo que cada um escreva de verdade sobre si, mostrando seus segredos, seus receios, sua vida. E o filme tenta exatamente essa resposta. Porque a pergunta dramática é "Quem sou eu?".

Os adultos, em um primeiro momento, dizem seu nome, idade, cor, sexo, entre outros aspectos que consideram relevantes. Porém, quando começam a ser questionados pelas crianças, passam a repensar suas vidas de forma mais profunda e consistente.

Com as crianças, a situação é diferente. Não imaginam estas questões práticas como o nome, RG, idade, entre outras. Sendo

assim, para dar desenvolvimento à atividade "quem sou eu?", um espelho grande foi colocado na parede da sala, onde cada um podia se olhar, se descrever, e dizer o que achava bonito ou feio em sua aparência, ou o que gostava ou não em sua imagem reproduzida no espelho.

Após essa atividade, cada criança escolhia um parceiro e descrevia como o enxergava. Aí algumas discussões surgiram, pois não descreviam apenas as estruturas físicas, passaram a descrever que o amigo era bonzinho, chato, bonito, feio, legal, sujo, entre outras tantas atribuições.

Partindo-se desta atividade pudemos discutir questões de moral e de ética. Quando uma criança era denominada como a "briguenta", seus pares podiam questioná-la, porque a mesma brigava por qualquer coisa. Algumas crianças perguntaram: por que ao invés de brigar, não estabelecia uma conversa a fim de resolver o problema? Quando se deparavam com a "chorona", no início todos riam e debochavam, mas passaram a respeitar seu choro, visto que entenderam que aquela determinada colega era mais emotiva que os outros. E assim, sucessivamente, aconteciam as conversas e as propostas de melhoria. O professor escutava as definições, observava as reações e depois levantava várias problematizações, a fim de levar os alunos a entenderem e aceitarem as diferenças, e a saber como lidar com elas.

Essa atividade também foi enviada para a casa de cada aluno, a fim de que fizessem com os pais e irmãos. O retorno foi muito interessante. Na segunda-feira havia, na porta da classe, uma fila de mães questionando a professora, pois haviam descoberto que seus filhos tinham uma visão própria delas e dos integrantes da família. Isto incomodou algumas e agradou outras. E assim, pudemos analisar o quanto as representações sociais que criamos em nossas mentes, sobre nós e as pessoas que nos cercam são importantes para nossa convivência social.

Charlot (2000) relaciona a noção de sujeito às características que definem a própria condição antropológica que constitui o ser humano, ou seja, o ser que é igual a todos como espécie, igual a alguns como parte de um determinado grupo social e diferente de

todos como um ser singular. Nessa perspectiva, o ser humano não é um dado, mas uma construção. A condição humana é vista como um processo, um constante tornar-se por si mesmo, no qual o ser se constitui como sujeito à medida que se constitui como humano, com o desenvolvimento das potencialidades que o caracterizam, como espécie.

Essa atividade trouxe muitas expectativas e questionamentos a todos os envolvidos no projeto, inclusive para o corpo docente e o pessoal administrativo da Escola.

Após esta atividade, foram abordados os bichinhos de estimação e os cuidados necessários para se manter os mesmos. Nestes cuidados estavam incluídos higiene, carinho, alimentação. Aqui foram trabalhados os conceitos de felicidade, amor, responsabilidade.

Os brinquedos tiveram também seu espaço. E a felicidade, a responsabilidade e o apreço entraram em cena novamente. É muito bom brincar, mas para se ter sempre um brinquedo é preciso conservar, cuidar e guardar de forma adequada, porque amanhã ele me fará um pouco mais feliz, na hora em que for utilizá-lo. Aqui se procurou analisar e valorizar a iniciativa pessoal, a atividade livre e autônoma de cada criança. Reportando-se à valorização de uma escola ativa e participativa, os próprios colegas se cobravam quanto às ações a serem realizadas, sem a interferência do professor. No final do trabalho todos se sentiam orgulhosos e eram sempre valorizados e elogiados pelos adultos presentes.

O alimento foi um tema interessante. Eles nos dão prazer, mas podem trazer desprazer. Na sala havia uma criança obesa, a qual provocou muita discussão e até mesmo um tempinho de choro. Ao ver sua imagem reproduzida no espelho se dizia magro. Ao se comparar com as outras crianças da sala, não queria aceitar que era diferente, e quando as crianças o denominavam gordo, acabava aos prantos e brigava com todos, dizendo que era magro. Porém, em comum acordo com as outras crianças acabou se aceitando e sentindo a necessidade de melhorar. Por acaso, esta criança era também a mais agressiva da sala. Apesar da insistência dos pais, não queria praticar exercício físico algum nem tão pouco

em moderar sua alimentação. Após essa atividade, que ocorreu no mês de maio, até os dias de hoje, passou a fazer aulas de caratê, tem moderado em sua alimentação e procurado controlar sua agressividade com os demais colegas. Faz bastante esforço, apesar de ser impulsivo e não se ater às consequências.

Segundo Durkheim (*apud* La Taille, 2006, p. 13), "ser moral é obedecer aos mandamentos de um ser 'coletivo' superior que inspira o sentimento do sagrado por ser temido e desejável." Pode-se notar que após a atividade, onde os colegas o consideraram como realmente era, a criança obesa, mesmo sem se aceitar como tal, passou a praticar ações para melhorar sua pessoa.

Para Freud (*apud* La Taille, 2006), os adultos obedecem às regras morais e éticas impostas pela sociedade, pelo medo das punições que podem receber ao desrespeitá-las. Porém, esta não é a melhor maneira de se praticar os atos morais e éticos. O mais viável seria utilizar a inteligência, desenvolvendo-a para práticas de aceitação, responsabilidade e comprometimento. Assim, não surgirão oportunidades para que elas sejam desrespeitadas. As regras organizadas pela sociedade acabam aceitas pelas pessoas, como atos naturais a sua vida de convívio, deixando de ser infringidas. O medo da punição passa a ser secundário e irrelevante.

Assim, o que se procurou elevar com a realização deste projeto foram atividades que despertassem o respeito às diferenças individuais das crianças; o incentivo à cooperação e ao relacionamento familiar; a negociação democrática dos conflitos pais/filhos/colegas; a busca de soluções para as problemáticas, com a participação do coletivo família/criança/escola; o exercício diário de acordos com aceitação e respeito às diferenças de personalidade e pensamentos; a construção permanente de afetividade e a construção de um clima democrático e pluralista em todos os ambientes de convivência social. Práticas essas a ser vividas diariamente como parte integrante de todo ser biológico.

Desde o início, o projeto surpreendeu a todos, principalmente quando se via a cobrança das regras de moral e ética entre as próprias crianças. Quando os pais infringiam essas regras, também eram cobrados e questionados. O mesmo acontecia com os

professores. O que se viu foi um coletivo entusiasmado em vivenciar e aproveitar melhor a convivência em grupo, de forma prazerosa e harmoniosa.

Como já foi dito anteriormente, essas práticas de educação e cuidados possibilitaram a integração entre os aspectos emocionais, afetivos e sociais da criança, entendendo que ela é um ser completo, total e indivisível, que pode passar a se reconhecer como ser íntegro, que aprende a ser e a conviver consigo próprio, com os demais e o próprio ambiente de maneira articulada e gradual, respeitando a si e aos outros.

Diante desse quadro, ao término deste projeto, passou-se a perceber um grande interesse, por parte das crianças, em apresentar sua participação e convivência em família para os demais colegas. O interesse dos pais, pela vida escolar das crianças aumentou consideravelmente. As crianças passaram a se sensibilizar pelos problemas pessoais dos colegas de classe e os valores éticos e morais trabalhados passaram a ser mutuamente cobrados entre elas mesmas e os parceiros mais experientes, sem repressão e com muita vontade de que fossem cumpridos e compartilhados.

O projeto teve seu término no final do ano passado, porém as cobranças por parte das crianças ainda continuam, apesar do parcial esquecimento dos pais. Acreditamos ser esta uma ação que deva ser repetida continuamente em nossa unidade escolar, devido à relevância dos resultados, bem como reproduzidas em outras instituições de Educação.

A família, a escola e a criança

Podemos dizer que este projeto trouxe grandes ensinamentos para os pais, os professores e as crianças. Passamos a repensar nossas ações.

Diante disso, passamos a valorizar uma relação permanente de educação e sociedade, no sentido de admitir a educação como instrumento de transformação social, levando-se em conta que o trabalho educativo é a base para a construção de uma sociedade democrática harmoniosa e organizada.

O professor tem papel de relevância neste espaço, refletindo sobre os valores e as concepções que embasam sua prática educativa, a fim de ser um agente que questiona e é questionado, e reflete sobre suas ações no coletivo, visando melhoria e aprimoramento de seu trabalho, bem como de seus educandos.

Acreditamos que os valores morais e éticos são algo significativo, necessariamente presente na vida humana, e ao mesmo tempo determinante e determinado pelo processo humano de existir. Sendo assim, só conseguimos ensiná-lo se o praticarmos e refletirmos sobre ele, no coletivo. A cada nova situação teremos novas reflexões sobre nossas ações, podendo ou não transformar nossas concepções.

Sendo assim, o trabalho educacional com valores, além de melhorar a prática educativa e a convivência social, nos abrirá caminhos para novas reflexões e ações com vistas à edificação de um mundo melhor.

Referências

BANDURA, A. **Modificação do comportamento**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1960.

BRASIL. **Constituição Federal do Brasil**. Brasília, 1988.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, 1995.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases Da Educação Nacional**. Brasília, 1996.

_____. MEC/SEB**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 1998.

_____. MEC/SEB. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**. Brasília, 2006.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber:** elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DE LA TAYLE, Yves. **Moral e ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____. **Razão e juízo moral**. (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 1984.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

PIAGET, J. **Le jugement moral chez L'enfant**. Paris: PUF, 1932.

SCHELER, Max. **Le formalisme en éthique et l'éthique materiale des valeurs**: Essai pour fonder un personalisme éthique. Paris: Gallimard, 1955.

TILLMAN, D. **Atividades com valores para crianças de 3 a 6 anos**. São Paulo: Editora Carol Gill, 2002.

Recebido em 05 Agosto de 2009.
Reformulado em 03 de Outubro de 2009.
Aprovado em 08 de Outubro de 2009